24. Shrewsbury VA, King LA, Hattersley LA, Howlett SA, Hardy LL, Baur LA (2010). Adolescent-Parent Interactions and Communication Preferences Regarding Body Weight and Weight Management: A Qualitative Study. *International Journal of Behavioral Nutrition and Physical Activity* 7: 16

25. Uli N, Sundararajan S, Cuttler L (2008). Treatment of Childhood Obesity. *Current Opinion in Endocrinology, Diabetes & Obesity*, 15: 37-47

26. Weigel C, Kokocinski K, Lederer P, Dötsch J, Rasher W, Knerr L (2008). Childhood Obesity: Concept, Feasibility, and Interim Results of a Local Group-based, Long-term Treatment Program. *J. Nutr. Educ. Behav.* 40: 369-373

27. WHO - World Health Organization (2000). Obesity: Preventing and Managing the Global Epidemic — Report of a WHO Consultation Geneva, Switzerland

AUTORAS:

Teresa Marinho ¹

Helena Baguinho Bento ¹

¹ Faculdade de Desporto
da Universidade do Porto, Portugal

Rumo a uma pedagogia do cuidado: O sentido do humano no desporto

4041

PALAVRAS CHAVE:

Pessoa Humana. Desporto. Cuidado.
Alteridade.

RESUMO

Debate-se hoje o homem com uma atmosfera tísica, disforme e aterradora. Nesta era do vale tudo, parecemos ter olvidado o que verdadeiramente nos dá alento e inspiração para sermos humanos. Há que estender o nosso cuidado ao que nos rodeia e a quem nos circunda, tal como o sublinha Leonardo Boff ^(6, p.35): “o ser humano é um ser de cuidado, mais ainda, a sua essência se encontra no cuidado. Colocar cuidado em tudo o que projeta e faz, eis a característica singular do ser humano”. O nosso propósito cria desassossego: perceber que só a pessoa humana é a razão da nossa sensibilidade discursiva, do nosso cuidado, da nossa ilusão. Por isso, acreditamos que o desporto continua a encerrar em si mesmo uma formação íntegra e integral, uma ética incontornável do dever, uma estética que irradia luminosidade, uma *praxis* que enleva a excelência e um homem que se supera na arte do esforço, da dor e da intenção. Intentaremos demonstrar que esta liturgia do desporto e da vida não nos deixa repousar no arrivismo e na indolência, pelo contrário, atira-nos para o que de nós é de esperar: a abertura autêntica ao outro, à grandeza, à poesia, ao amor.

Correspondência: Teresa Marinho. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Rua Dr. Plácido Costa, 91. 4200-450, Porto, Portugal. (tmarinho@fade.up.pt).

Towards a pedagogy of care: the meaning of human in sport

ABSTRACT

Nowadays men struggles a misshapen, terrifying and sick social atmosphere. In this anything goes era we seem to have forgotten what truly gives us the courage and the inspiration to be human. There is the need to extend our care to everybody that surrounds us as well as to everything that circles us, because as Leonardo Boff ^(6, p.35) says: " the human being is a being of care, more, his essence is founded on care. Placing care in everything that he designs and creates is the remarkable feature of the human being". Our purpose produces a restless spirit: to understand that the human person is the reason of our discursive sensitivity, of our care, of our illusion. Therefore, we do believe that sports brings within itself a complete and honourable education, an unavoidable ethical duty, an aesthetics that radiates light, a praxis that nurtures excellence and a man who goes beyond himself, overcoming effort, pain and the pure intention. We will try to demonstrate that sports and life liturgy do not make us fall into sloth and into irresponsibility, on the contrary, it drives us to another awareness level: the authentic openness to the other, to greatness, to poetry, to love.

KEY WORDS:

Human Person. Sports. Care. Otherness.

DA INTENÇÃO

É o teu rosto ainda que eu procuro
Através do terror e da distância
Para a reconstrução de um mundo puro.

SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN

Esbate-se o humano com a falta de cuidado. Neste momento tão dedicado à elevação do número e ao menosprezo pela pessoa humana, sentimos que a essência da verdadeira relação cordial e solidária encontra-se em estado vegetativo, alimentada pela profunda indiferença e total falta de ética que nos corrompe e diminui. Tal como Sophia de Mello, continuamos à procura de um rosto, mas de um rosto que só com o olhar irradie paz, afeto e cordialidade. Um rosto, cujo sorriso encha a nossa alma de uma fraternidade sem limites, que nos leve a procurar dentro de nós o significado pleno do gesto mais simples, da expressão mais leve, do ideal mais puro. É desta pureza que mais precisamos. Sem ela, sentimo-nos despidos. Com ela, somos reciprocidade e comunicação. Alcancemos esta coragem, arrancando as peias que levamos no coração. Basta abri-lo amorosamente, absolutamente, humildemente. Basta sermos humanos. Basta cuidar, sem agressões, sem medos, sem ódios, sem ressentimentos. Altivemos a responsabilidade de nos procurarmos no meio deste mar de gente perdido entre olhares nus e desprotegidos, povoado pela incapacidade de nos compreendermos uns aos outros, afastando-nos do afago e da disponibilidade que precisamos e que nutre a nossa disposição. Por tanto, não desistimos de edificar este mundo puro de que nos fala a poeta. Revelando o melhor de nós através da palavra, visto a palavra ser a ferramenta da ética, da estética, do conhecimento, da sensibilidade e do respeito. É ela que nos eleva ou nos retira a luz. Chamemos até nós a palavra alta, autêntica, densa e com expressão, a fim de que nos aproximemos de nós próprios, aligeirando a nossa fraqueza e a nossa pobre alienação do que nos circunda e inevitavelmente causa conformação. Porque parece que nos ausentamos de nós próprios, ocultando-nos e ocultando ao outro o nosso verdadeiro rosto, aquele que deveria ser límpido e transparente, sem máculas e ferocidade, sempre preparado para dar-se sem restrições, por saber-se livre e autêntico, sempre em perfeita harmonia com a beleza que nos alimenta e constitui. Compreendemos a assertividade que repousa na palavra de Leonardo Boff: "A responsabilidade mostra o carácter ético da pessoa" ^(5, p. 93). Mostra a sua luz e humanidade, o seu recanto e proibidade, a sua alma e serenidade. Mostra de igual modo a sua grandeza e afeição pela justiça da comunicação e do respeito, abrindo o coração à pureza e originalidade que o nós exprime, sem grilhões, sem indelicadezas, sem aversão e leviandade. Por isso vemos no desporto esta partilha, este turbilhão do profundo sentir que nos sustenta. Por isso não nos rendemos ao despeito e à frieza do gesto humano. Não! O desporto eleva-nos

e incita-nos a encontrar na lonjura do sonho a pedagogia de um saber cuidar, apesar de tudo, apesar da resistência do homem ao próprio homem. Este ensaio crê na densidade do desporto e na valoração da dignidade humana através do trabalho árduo, da superação que sinto em mim e que o outro me proporciona, da seriedade e da autenticidade que o esforço e a dificuldade criam na formação plena e íntegra do ser que em mim habita.

POÉTICA DO DESASSOSSEGO

Pensar pedagogicamente é pensar e agir afetivamente. Não restam dúvidas. Levianamente vamos construindo um caminho que nos parece afastar deste preceito. Cansados que estamos desta mão pesada que insiste em continuar pousada no ombro, sentimo-nos a rasar o chão, sem vontade, sem alento, sem coragem de nos olharmos ao espelho. Falta-nos o horizonte e a rebeldia.

Há que dar um outro sentido a esta aventura existencial, indubitavelmente mais poético, claramente mais humano. Fazendo brotar de dentro de nós a luz do sol, aquela que, segundo Sophia de Mello Breyner, nos rege enquanto nos recomeçamos em cada coisa. E estas laudas refletem o nosso desassossego, o nosso ardor e vontade, através da palavra que não fere ou diminui, mas que simplesmente funciona, no entender de Roland Barthes, como “habitação”, como *ethos*, como amor, como sangue a palpitar na sua substância.

Faz falta (re)pensar o homem. Daí a nossa inquietação. Daí a nossa teimosia e a nossa aguerrida voz por uma formação que ensine a existir fora dos parêntesis e do medo e da mordida. Pois Delfim Santos dá o mote “o homem não aprende apenas para viver, mas para existir, e existir não é apenas viver. A noção de existência é o ponto de partida da pedagogia, como também na actualidade se tornou o ponto de partida da filosofia. Existir é estar-no-mundo. É este o facto primário, original e estrutural da existência. Esta situação fundamental, em que tudo radica implica três diferentes momentos. Estar-no-mundo é estar em contacto com o mundo inorgânico, com os outros seres vivos, e também consigo mesmo” (15, p. 27).

Estar-no-mundo é estar profundamente comprometido com a existência, com a vida, atribuindo-lhe sentido, afeto, responsabilidade, serenidade e emoção. É ter o engenho e a arte de criar surpresa, de edificar o sonho, de assumir uma postura ética, que se eleva na palavra e na atitude, que ascende à claridade derrotando o negrume da caverna, libertando-se da cegueira do grilhão. Pois ser-se ético, nas palavras de Ortega y Gasset, é o mesmo que estar alto de moral, é ter-se vontade de criar, de fazer, de se ultrapassar, é ter-se a inspiração da excelência a percorrer as veias, é ser-se um ser humano digno em todas as circunstâncias da vida. É ser-se um D. Quixote sonhador, desassossegado e comprometido. É transformar moinhos em gigantes, apoiando-se no mais apaixonante enigma da condição humana – a vontade!

O ROSTO COMO EXPRESSÃO

ÉTICA DA COMUNICAÇÃO

Uma vontade que nos leva a cuidar do que somos e como somos, estendendo esse cuidado ao outro para com ele edificar uma outra realidade social, cultural e humana. Vitorino Nemésio surpreende-nos com a sua lucidez retórica, alertando-nos para as nossas deficiências e defeitos, os mesmos que podem ser debelados se o sentido do humano se alargar e estender ao outro, como prova de solidariedade e celebração: “Um dos sinais dos tempos de massificação humana em que vivemos neste limiar da Era Atómica é a desumanização. Não emprego a palavra ‘desumanização’ no sentido englobante e pejorativo de ‘baixa de humanidade’ – o que seria manifesto exagero, senão puro absurdo. Mas emprego-a no sentido de retracção e encurtamento da vida afectiva, e de diminuição da cordialidade” (12, p. 93).

Urge sermos serenamente para podermos acolher e dar humanamente. Exige-se uma reflexão que retenha ideais humanísticos que se afastem da ignorância e do desrespeito que se fazem sentir na ameaça latente que o outro parece representar. Vergílio Ferreira sustenta de forma categórica a humanidade que enleva o Nós como o sentido de justiça plena e integral: “O outro é a outra face de nós que nos estrutura o ser” (8, p. 224). Que nos estrutura, alimenta, enaltece e complementa. Que nos dá vida por nos embalar no seu regaço – que não fere, destrói ou elimina. O nosso rosto, a nossa alma: Nós! Palavra que nos une e pacifica no discurso e no gesto, porque o caminho faz-se em conjunto, em total e permanente aprendizagem, sempre em busca, sempre em harmonia. Leonardo Boff sente o rosto como um apelo à ética do cuidado: “o rosto possui um olhar e uma irradiação da qual ninguém pode subtrair-se. O rosto e o olhar lançam sempre uma pro-posta em busca de uma res-posta. Nasce assim a res-ponsa-bilidade, a obrigatoriedade de dar res-postas. Aqui encontramos o lugar do nascimento da ética que reside nesta relação de res-ponsa-bilidade diante do rosto do outro” (6, p. 139).

O rosto é manifestação de transcendência, porque aparece desnudo e (i)limitado na cárcera da sua fragilidade, na beleza da sua onto-expressividade, na possibilidade que brota e seduz, por se mostrar disponível e provocar um comprometimento sincero do nós perante a frieza de um eu distante e inseguro. Pois então, sejamos éticos quando olhamos o rosto do outro. Empenhemo-nos em deixar de nos considerar estrangeiros a nós próprios, sentimento que se derrama ao outro com muito maior intensidade e presunção. Sejamos doutos na arte de compreender e não hostilizar, de abraçar em detrimento de repelir, de ouvir ao invés de arredar. É fundamental cuidar do humano com responsabilidade, justiça e autenticidade. Lévinas aponta-nos o caminho: “mas a justiça só tem sentido se conservar o espírito do des-inter-esse que anima a ideia da responsabilidade pelo outro homem” (11, p. 83). Cuidar sem mácula, sem pedir nada em troca, sem recorrer ao uso da máscara que utiliza a cobardia para se banhar nas águas sujas da tibieza e da fraqueza de intenção. Cuidar para ser-se em conjunto, sem arrogância, sem insinceridade, sem insolência e indiferença, visto o cuidar ser, no entender de Leonardo Boff (6, p. 33): “mais que um ato; é uma atitude”.

O VALOR DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO HUMANO

Miguel Torga também nos radiografa, levando-nos a refletir sobre a nossa própria fraqueza e dualidade: “Em vez de nos enfrentarmos com amor e coragem, andamos prudentemente ao lado uns dos outros com os olhos abotoados” ^(16, p. 72). Com olhos que se recusam a ver porque se sentem magoados, tristes e desamparados nesta aridez que cristaliza a lágrima mais pura. A hora que nos assiste pertence-nos esclarecidamente. O tempo que nos abraça é um tempo de esperança, apesar de tudo. Onde a vida adquire um carácter de profundidade e densidade ontológica. Onde nos amamos e nos sentimos unidos pelo sangue que aquece fraternalmente o que o ódio ajuda a apartar. Daí a revolta de quem se preocupa. De quem vê no outro uma lição de vida. De quem cuida e não anula ou humilha. De quem sente que com o outro pode aprender a resgatar uma outra linha no horizonte, aquela que sustenta uma utopia que nos faz acreditar que tudo se torna humanamente possível, desde o respeito pelo rosto que se apresenta, à justiça do ser que nos responsabiliza pela autenticidade de um mundo a construir.

O sentido ético da hospitalidade supõe a abertura a quem se apresenta — o Eu e o Tu, isto é, o Nós — que se acolhem mutuamente e que procuram um sentido para além do repúdio, da indiferença e do medo. Nas palavras de Isabel Baptista, a hospitalidade “enquanto competência ética funciona como um dos valores fundamentais de cidadania num tempo violento e incerto em que um elevado número de pessoas vive em situações que desafiam a capacidade humana de acolhimento e de dádiva” ^(3, p. 195). Este tempo exige uma maior preocupação, um cuidado essencial e uma com-paixão que permita olhar o rosto do outro com lisura. Olhá-lo nos olhos e senti-lo tal como nós, indefeso e sempre em busca da compreensão do sentido ético da alteridade, pois tal como nos adverte Lévinas, “a epifania do rosto é ética” ^(10, p. 178).

Faz falta ver o outro com dignidade. Acolhê-lo e ser responsável por ele. Olhar através dele, contemplá-lo com compaixão, com humanidade, com racionalidade e emoção. Somos seres cuja brevidade não permite alimentar estados de alma que se abeirem da hipocrisia e da ignorância moral, destruindo os laços de irmandade que nos unem na espessura do sangue. Torna-se, por tanto, imperativo que nos abeiremos da imensidão da tal placidez que se liberta do grilhão da frivolidade e da indiferença, para ceder lugar a uma contemplação profunda e sentida do outro que, tal como nós, também nos acolhe. Seres sedentos de amor, de compreensão e de palavras que não nos firam como espadas. Seres que consigam con-viver zelosamente, sempre respeitando a cultura que levam posta, aceitando a diversidade e com ela aprendendo a superar obstáculos e desafios. Sintamos com Miguel Torga uma vez mais a ternura ‘telúrica’ da alteridade, feita de pedaços de cordialidade, alegria e irmandade “Desfaz-se a gente em sorrisos, abraços e mãozadas a vida inteira, para chegar à conclusão de que nunca sentiu na alma o contentamento simples de ver alguém” ^(17, p. 96).

SENTIR O CUIDADO ATRAVÉS DO DESPORTO

Por tudo isto, olhamos para o desporto e percebemos o *ethos* axiológico que o envolve. O desporto bebe irrevogavelmente desta carecida união entre os homens, vivendo intensamente o cuidado que nunca se pode apagar. O seu propósito remete-nos para o respeito indelével pelo adversário, pelo treino e pela competição. O desporto é provido de profundos valores humanos contendo em si o bom, o belo e o bem. Uma trilogia que extrai do homem todo e qualquer indício de desumanidade. O desporto é na perspetiva de Jorge Bento o campo do [humanamente] possível, visto ser “um edifício idealizado pela necessidade de beleza, pelo desafio de superar a violência e a brutalidade, a grosseria e a fealdade na imagem que o homem dá de si. Existe para encher de beleza a nossa vida, os nossos dias e as nossas condutas. É em nome dessa finalidade civilizacional que a sua prática se justifica” ^(4, p.74).

O ideal do desporto continua a pedir-nos para existir claramente neste mundo. Não há outra forma de o compreender. Não há outra forma de estar nele. O desporto provoca no homem uma filosofia da vontade, apelando ao rigor e à disciplina na postura e no dever que a alteridade aclama. Daí não nos rendermos à senilidade mórbida de quem vê o desporto de forma brejeira, fazendo dele terreno para todo o tipo de corrupção, traficância e disfarce, degradando os seus verdadeiros intentos e despistando as suas reais e perenes alvoradas e dilatadas paixões humanistas.

Representa o desporto a expressão de um sonho por realizar, de uma vontade por atingir, de uma esperança por edificar. Difícil será imaginar uma humanidade sem o seu alento, a sua flama e a sua devoção. Falando um dialeto universal, o desporto congrega a paz e a justiça, apela à honra e à verticalidade, enleva a beleza e a autenticidade. Sem desporto, o homem sentir-se-ia decepado, indignado, esquecido. O desporto atribui alento à vida humana. Fá-la respirar o ar puro da ética, da estética e do sublime. Voltar a sentir o homem no desporto deverá constituir-se a sede contínua do progresso e da quimera de uma revolução no sentir do humano. Perceber de excelência, de companheirismo e de sofrimento parecem ser os fundamentos que melhor são sentidos no desporto, pois através da prática desportiva percebemos o valor do suor, do sacrifício do corpo e do alento da alma naqueles momentos só nossos, os mesmos que escrevemos e poetamos por nos sentirmos sós e felizes na busca intensa do que nos faz andar para a frente quando algo nos instiga a ceder e a ficar para trás.

DESPORTO E LITURGIA

A busca da forma sublime que o homem pretende alcançar através dos probos ideais humanos que o desporto tão solenemente deixa transpirar, concretiza o ideal ético do projeto antropológico de cada pessoa: o sermos cada vez melhores, seja no desporto ou em qualquer outra dimensão das nossas vidas. O carácter litúrgico do desporto abre-nos à prometida grandeza que não termina de cumprir-se totalmente na vida. Pois segundo St^o Agostinho, a liturgia é a forma visível da esperança, da vida verdadeira que nos prepara para a vida real – a abertura autêntica de uns aos outros. Assim, o nosso gesto não deve comprometer-se nem pela exigência nem pela necessidade, mas sim pela liberdade de nos entregarmos irmãmente. Deve o homem centrar os seus ensejos no desafio constante da necessidade de revitalizar o sentido da excelência como a eterna aspiração à transcendência humana. Respeitemos o que Kant considera um imperativo categórico, estabelecendo uma relação estreita entre dignidade e comportamento ético: “Age como se a máxima da tua acção se devesse tornar, pela tua vontade, em lei universal da natureza. Age de tal maneira que uses a humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio” (9, p. 66). Um imperativo que por ser categórico, prende-se com a natureza da pessoa e estende-se a toda a humanidade. É indiscutível o carácter ambíguo do homem, a sua condição demasiadamente humana ou mesmo demasiadamente des(h)umana. O seu egoísmo e a sua incapacidade em fazer da sua vida uma obra de arte. Olhando o mundo de frente de modo a não pactuar com a falsificação de sentimentos, de atitudes e de ânimos que se avolumam por se sentirem acarinhados e favorecidos pelas mãos de um consentimento cuja infâmia nos diminui.

Parece fundamental não correr o risco de nos tornarmos secos por dentro; de nos desconsiderarmos e mantermos cativa a nossa capacidade de sermos clara, pura e pereneamente. De fazer sobressair no outro, como devemos fazemos sobressair em nós, a beleza serena de uma pincelada humana que nos vai dando forma, revelando a bonomia que carregamos cá dentro com tanta força, inteligência e graciosidade. Se nos tolhermos perante nós próprios, estaremos a criar um sem fim de ladeiras que nos retirarão do caminho para a concórdia. Há que reencontrar nos nossos corações a misericórdia que tanto faz falta, o saber dar, o saber estar com os outros e pelos outros sempre com sentido de missão, partilha e presença. Não nos enganemos. Ser misericordioso encerra um significado mais emotivo, mais humano, mais límpido e comprometido. Nas palavras de Padre Manuel Antunes, “a misericórdia não é sinónimo nem de pietismo privatista, nem de sentimentalismo romântico, efusivo de mares de lágrimas sem sentido e sem motivo, nem de paternalismo, materialismo e fraternalismo platónicos ou platonizantes. É uma força que desperta ante o espectáculo desolado da miséria alheia. É um olhar que vivifica e não mata, salva e não condena, ergue e não deprime. É um impulso para agir sem cumplicidade e para reunir sem massificar. É uma vontade de sair de si, da prisão do próprio «eu», para transformar

o mundo e se transformar a si mesmo em permanente e incansável reciprocidade” (2, p. 87). Buscar cá dentro a sensatez do sentimento probo de existir e marcar indelevelmente a nossa presença com a emoção da irmandade que vertemos e tornamos visível ao mundo, pois ao olhar de Pascoaes: “cada homem é potencialmente humanidade” (13, p. 49).

Desliguemos desde já o botão que despoleta a nossa desumanidade. Sejamos humanos por breves instantes. Sejamos humanos a contemplar o desporto e a ver nele razão de sobra para dos seus ideais não nos afastarmos. O desporto incita à comunhão, ao entendimento, à expressão da transcendência. No desporto, a pessoa comunica no seu todo. Através do corpo, da alma e do espírito. Nada se separa. Tudo se congrega. É um esforço impar para ser-se excelente na leveza e graciosidade do corpo que se molda ao destino escolhido; é o arrebatamento da alma que se sente incapaz de olhar para trás, imarcescível e contumaz perante a dor e o desafio; é o lampejo de um espírito em constante aprendizagem e ebulição que, aprende através da adversidade, da persistência e da sensação, os verdadeiros valores que fazem do árduo caminho do treino e da competição uma perene constância nas atitudes e nos gestos, limando-os e dando-lhes nova vida, novo intuito, nova roupagem e repercussão. Daí apurarmos a intenção poética de Ricardo Reis que sagazmente nos transmite uma mensagem, em forma de apelo, à capacidade nómada do homem de estar-no-mundo, a única que o ilimitará no desejo de se superar e de ver no desporto um campo de comunhão, de entrega, de sacrifício, de justiça e de redenção:

Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a Lua toda
Brilha, porque alta vive.

RICARDO REIS

CONSIDERAÇÃO FINAL

Acreditamos plenamente que é possível regressar à essencialidade do que somos, se a busca se der com a consciência de que algo nos está a faltar. Temos vida, temos poesia, temos desporto, temos arte, temos beleza, temos tecnologia, temos tudo o que de material se pode comprar, mas não nos temos uns aos outros. Voltar a sentir a presença do outro próximo de nós, do calor humano, do abraço, do aperto de mão sincero, da palavra que afaça, só depende da vontade que nos assiste. Por tudo isto, procuramos na palavra do poeta a esperança que tanto nos faz falta. Não é nossa pretensão desistir de nós nem do outro.

Visto continuarmos a acreditar que dentro de nós carregamos a claridade que tanto precisa de irradiar. Inspiremo-nos em Leonado Coimbra: "procurem-se e abracem-se. Há muita ternura no coração dos homens, e as dádivas do amor aumentam ainda essa bondade. A bondade não cansa, nem se esgota. Cada vez se alarga em mais íntimos abraços, sempre envolve a vida em mais fraternais carinhos" (7, p. 201).

E é esta procura que o desporto nutre e leva no seu regaço. O desporto é o campo onde o autêntico se dá a conhecer. É o campo da verdade insofismável do homem, a morada do homem sensato e fraterno, o locus de um processo que não dá tréguas e que exige muita concentração, contumácia e dedicação. Não podemos negar que o desporto continua a ser aquele espaço onde nos sentimos completos, reconhecidos, acarinhados. Dele tentamos afastar todo o tipo de fraudes e tartufices. Porque dentro dele sentimo-nos seguros e protegidos dos males do mundo: sentimos a sua limpidez, humildade, sabedoria, dignidade, beleza, retidão, respeito, justiça e seriedade. Trair o desporto é trair a nossa humanidade. Sejam os cada vez mais sinceros na arte de saber estar no desporto, para que depois a transposição destes valores para a vida seja uma indicação de transparência e sensibilidade.

Apuremos, uma vez mais a humanidade que nos faz falta e cuidemos de lhe dar a seriedade que ela precisa, pois a façanha que somos, inconcluída, deve pugnar, sem pejo, sem peias e sem mais delongas, por uma existência que transite do material para o imaterial:

Amar é conhecer,
E compreender a treva é ser a claridade.

TEIXEIRA DE PASCOES, *O HOMEM UNIVERSAL*

REFERÊNCIAS

1. Andresen, S. M. B. (2011). *Obra Poética*. Alfragide: Editorial Caminho.
2. Antunes, Padre Manuel (2005). *Paideia: Educação e sociedade*. Tomo II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
3. Baptista, I. (2006). Hospitalidade como competência ética (A). In Carvalho, A.D. (coord.). *Dicionário de Filosofia da Educação*. Porto: Porto Editora, pp. 193-195.
4. Bento, J. (2012). Pelo regresso do desporto: ensaio epistemológico. In Bento J, Moreira, W (eds). *Homo Sportivus. O Humano no Homem*. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física, 13-111.
5. Boff, L. (2009). *Ethos Mundial. Um consenso mínimo entre os humanos*. Rio de Janeiro: Editora Record.
6. Boff, L. (2011). *Saber cuidar. Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
7. Coimbra, L. (2004). *Obras Completas*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
8. Ferreira, V. (1992). *Pensar*. Lisboa: Bertrand Editora.
9. Kant, I. (1995). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Porto: Porto Editora.
10. Lévinas, E. (1988). *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70.
11. Lévinas, E. (2010). *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70.
12. Nemésio, V. (2003). *Era do átomo – crise do homem*. *Obras Completas*. Volume XXII. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
13. Pascoaes, T. (1993). *O homem universal e outros escritos*. Lisboa: Assírio & Alvim.
14. Pessoa, F. (1999). *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Editorial Presença.
15. Santos, D. (s/d). *Fundamentação existencial da pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte.
16. Torga, M. (1995). *Diário V*. Coimbra: [s.n.].
17. Torga, M. (1977). *Diário IX*. Coimbra: [s.n.].